

UM POUCO DE VERDADE EM NIETZSCHE

Alziro Alves dos Santos Neto¹⁶⁵

Resumo

Com o presente ensaio, procuraremos, principalmente através de alguns aforismos da obra *A Gaia Ciência* e do auxílio de dois comentadores renomados (Martin Heidegger e Roberto Machado), relacionar o filósofo alemão Friedrich Nietzsche ao tema da verdade. Para tanto, partiremos de um de seus temas mais centrais – a morte de Deus; passaremos pela sua crítica radical do conhecimento racional tal como existe desde Sócrates e Platão; e chegaremos às setas que ele aponta como superação do niilismo.

Palavras-chave: Nietzsche; Verdade; Morte de Deus; Niilismo.

Abstract

With this essay, we will seek to relate the German philosopher Friedrich Nietzsche to the theme of truth, using mainly aphorisms from his book *The Gay Science* and the help of two renowned commentators (Martin Heidegger e Roberto Machado). In order to do so, we will start from one of his most central themes – the death of God; next we will go through his radical criticism of rational knowledge as it has existed since Socrates and Plato; and then we will get to the arrows that he points out as overcoming nihilism.

Keywords: Nietzsche; Truth; Death of God; Nihilism.

A Morte de Deus

Por ser um autor controverso, que usa e abusa de simbolismos e metáforas para expressar seus conceitos, ao longo do percurso aqui escolhido, visaremos auxiliar o leitor na interpretação e significado destes. O ponto de partida é o aforismo 125 da obra *A Gaia Ciência*, fundamental para a compreensão dos pensamentos de Nietzsche, na qual encontramos a célebre mensagem – considerada uma das mais famosas e centrais do filósofo. Nesta alegoria, Nietzsche utiliza a figura do louco para anunciar a morte de Deus.

Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: ‘Procuro Deus! Procuro Deus!’ [...] ‘Para onde foi Deus?’ gritou ele, ‘já lhes direi! *Nós o matamos* – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! [...] Deus está morto! Deus continua morto! [...] ‘Eu venho cedo demais’, disse então, ‘não é ainda meu tempo’. Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda anda: não chegou ainda aos ouvidos dos homens. [...] ‘O que são ainda essas igrejas, se não os mausoléus e túmulos de Deus?’ (NIETZSCHE, 2012, p. 137-138).

165 Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe. Pós-graduado em Gestão de RH pela Faculdades Integradas de Jacarepaguá. Mestrando do PPGF da Universidade Federal de Sergipe. Analista Judiciário do Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe. Psicólogo do CAPS João Bebe Água em São Cristóvão – SE. Endereço eletrônico: alziro.neto@tjse.jus.br.

Mas qual seria o significado dessa “morte”? E qual seria a relação dela com a verdade? Podemos encontrar as respostas no quinto livro de *A Gaia Ciência*, intitulado *Nós, os impávidos*, acrescentado posteriormente à obra, no qual ele vai discorrer sobre o significado dessa morte de Deus. O aforismo 343, primeiro desse volume ulterior, traz logo nas primeiras linhas, a definição sobre qual deus o louco se referia: “– O maior acontecimento recente – o fato de que ‘Deus está morto’ de que a crença no Deus cristão perdeu o crédito – já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa.” (NIETZSCHE, 2012, p. 207). A partir dessa observação, fica evidente que Nietzsche se refere ao Deus cristão, porém, não seria menos certo pensar que os nomes deus e Deus cristão, na perspectiva nietzschiana, são usados para designar o mundo suprasensível em geral, aquele que está acima da realidade sensível. Este âmbito do suprasensível vale como o mundo verdadeiro e autenticamente real desde Platão ou desde a interpretação grega tardia e cristã da filosofia platônica. Dessa forma, entendemos que deus seria o nome para o âmbito das ideias e dos ideais. Como ressalta Heidegger (2002), o Deus morto não é necessariamente a morte fatal de um deus, no sentido literal, mas sim a morte da necessidade do divino – o homem emancipou-se de Deus, ele não mais tem necessidade da sua segurança para providenciar e regular a vida.

A ideia de que Deus está morto opera em vários níveis. Uma perspectiva é de como a religião perdeu o seu lugar na nossa cultura. Na civilização ocidental, a religião em geral e o cristianismo em particular estão em declínio, estão perdendo ou já perderam o lugar central que mantiveram nos últimos dois mil anos. O que pode ser observado em diversas esferas: política, filosofia, ciência, literatura, artes e educação, por exemplo. Entretanto, um leitor ainda pouco familiarizado com os escritos de Nietzsche poderia supor que a expressão "Deus está morto" enuncia uma opinião do ateu Nietzsche e que é, conseqüentemente, apenas uma tomada de posição pessoal e, assim, também facilmente refutável pela indicação de que hoje, por toda a parte, muitos procuram as casas de Deus, e ultrapassam as aflições, a partir de uma confiança em Deus determinada de um modo cristão. Isso, sem dúvida, é realmente verificável, mas Nietzsche não vai negá-lo, uma vez que ele está apontando para uma tendência em curso que, como ele indica, a maioria das pessoas ainda não compreende totalmente. Tendência também inegável. Nos últimos milênios, a religião foi central em nossa cultura: a música de Bach era de inspiração religiosa, as maiores obras de arte do renascimento normalmente tomavam temas religiosos, cientistas como Copérnico, Descartes e Newton eram homens profundamente religiosos, filósofos como Tomás de Aquino, Berkley e

Leibniz tiveram seus pensamentos fundamentalmente influenciados pela ideia de Deus, sistemas de ensino inteiros foram regidos pela igreja. Atualmente, contudo, verifica-se que entre os intelectuais, cientistas, filósofos, escritores e artistas religiosos, a crença muitas vezes não desempenha praticamente nenhum papel em seu trabalho.

Por isso, o reconhecimento do obituário descrito pelo louco ainda não teria sido assimilado pelos seus contemporâneos, estaria apenas lançando as primeiras sombras sobre a Europa. A luz da razão, compreendida por Nietzsche como o caminho ao conhecimento, estava cada vez mais ofuscando o que até então era considerado absoluto, que é Deus. Então, depreendemos que para Nietzsche, o avanço da sociedade, conjuntamente com o avanço do conhecimento humano tem como consequência a desnecessidade do Deus.

Nesse sentido, a perspectiva nietzschiana ressalta que a não necessidade do Deus para assegurar a vida do homem causa a morte do divino, como pode ser confirmado por este importante intérprete da obra de Nietzsche:

Se Deus morreu, enquanto fundamento suprassensível e enquanto meta de tudo o que é efetivamente real, se o mundo suprassensível das ideias perdeu a sua força vinculativa, e sobretudo a sua força que desperta e edifica, então nada mais permanece a que o homem se possa agarrar, e segundo o qual se possa orientar (HEIDEGGER, 2002, p. 251).

Por conseguinte, com Deus, morre também a certeza do mundo estável, ideal, equilibrado, verdadeiro. Que é representado, na filosofia nietzschiana, pela defesa de uma metafísica regulada a partir de princípios extraterrenos, isto é, a morte de Deus nada mais é do que a morte dos princípios que asseguravam as crenças de até então. Fica suspenso, no momento, a caracterização do valor dessa morte, mas foi justamente em favor da ideia deste Deus e de um mundo verdadeiro no além, que foram negadas a vida, o corpo, a Terra, este mundo sensível. Para Nietzsche, essa inversão de importância é negadora também de um conceito importante para a vida, que é a vontade de potência, definida em linhas gerais enquanto uma força cósmica, que existe tanto no mundo, quanto no homem, que impera enquanto uma necessidade de expansão, de conquista do outro e de dominação do mundo. Assim, do mesmo modo que a religião cristã institui uma nova moral negadora da vontade de potência, a filosofia socrático-platônica também a nega ao estabelecer uma ruptura entre o trágico e o racional. A partir desses dois acontecimentos históricos, Nietzsche assinala que para o nascimento de um período de decadência, que outro respeitado estudioso da obra nietzschiana vai definir como:

um enfraquecimento do homem; é a transformação do tipo forte no tipo fraco, o triunfo das forças reativas sobre as forças ativas; é a decomposição das forças ativas, a subtração da força dos fortes que fez com que os próprios fortes assumissem os valores dos fracos (MACHADO, 1999, p. 62).

Crítica ao conhecimento racional

Para Nietzsche, Sócrates e Platão significam o início de um grande processo de decadência que chega até nossos dias, uma vez que os instintos estéticos foram desclassificados pela razão, a sabedoria instintiva fora reprimida pelo saber racional. De Sócrates em diante, de acordo com Nietzsche, o mundo ocidental se encontra numa crescente potencialização da razão, que é, justamente, a confiança que os filósofos empregaram na vida supraterrena. Isto é, fundamentaram suas concepções partindo de princípios que também causaram a negação da vida, terrena, corpórea. Com a razão sobrepujando os dogmas cristãos, uma velha e profunda confiança no absoluto, na verdade, se transforma em dúvida. Assim, podemos entender que Nietzsche apresenta uma crítica direcionada ao conhecimento científico de sua época.

Com justa razão se diz que, no domínio da ciência, as convicções não têm direito de cidadania: só quando se decidem a adotar modestamente as formas provisórias de hipótese, do ponto de vista experimental, de um artifício de regulamentação, é que se pode lhes conceder o acesso e mesmo um certo valor no domínio do conhecimento — com a condição de continuarem, todavia, sob uma vigilância de polícia, sob o controle da desconfiança (NIETZSCHE, 2012, p. 208).

Ao analisarmos este aforismo, intitulado *Em que medida também nós ainda somos devotos*, nos indagamos se não estaria ainda a ciência, ligada a uma relação de devoção, mesmo aparentando ter se afastado. Nietzsche, com a “morte de Deus”, quer justamente mostrar que o conhecimento de sua época não mais precisa da existência do divino para progredir, mas mesmo assim ainda se agarrou a uma concepção extraterrena, negadora da vida, para estabelecer seus conceitos. Como mais um exemplo de influência da moral cristã na ciência citado por Nietzsche temos Blaise Pascal – aquele a quem chama de “*cristão lógico*”. Segundo o alemão, a figura icônica de Port-Royal personifica o conflito entre o cristianismo e a moral decorrente dele e, portanto, entre a fé cristã e a proibição científica, ambas ligadas pela ideia de que Deus é a verdade, que a verdade é divina. Sendo Deus a sustentação de todo um universo metafísico criado pelo homem, e que também sustenta a verdade, sua morte não caracterizaria a morte também de toda e qualquer certeza a respeito do mundo? Entendemos que, para Nietzsche, não. É justamente para assegurar algo de verdadeiro que é necessário

adotar a vigilância policial sob a razão, dessa forma, não mais nos amarraremos às falsas noções para solidificar nosso conhecimento.

Realizando uma comparação da criação da filosofia desenvolvida por Nietzsche com a desenvolvida pela tradição, podemos destacar Aristóteles, para quem a verdade é uma característica do discurso. Esse discurso pode ser verdadeiro quando ele corresponde às coisas, quando ele diz como as coisas são. A linguagem funciona, então, como retratos, em termos lógicos, dos fatos da realidade; entretanto, ainda podem exprimir falsidade. A ciência, no que lhe concerne, se identifica muito com a busca pela verdade, uma vez que esta, é algo do qual podemos nos aproximar, mas não possuir. A verdade não é totalmente objetiva nem totalmente subjetiva. Ela é epistemicamente objetiva porque pode ser objetivamente conhecida. Por outro lado, Nietzsche também cunhou a sua noção de verdade, que é conhecida como pragmatismo. Ele defende que verdadeiro em geral significa apenas o que é apropriado à conservação da humanidade.

Portanto, o filósofo está afirmando que, quando se quer valorizar algo, acrescenta-se que é verdadeiro. A verdade acaba também tendo uma conotação moral, que em princípio não deveria, visto que a noção de verdade está ligada à noção de conhecimento. Então, sendo que o conhecimento é algo que se afirma e que é verdadeiro; e, sendo que a verdade é muito importante e relevante para nós, ela acaba adquirindo um sentido moral.

Vê-se que a própria ciência se baseia numa fé e que não poderia existir ciência incondicionada. Ela pressupõe que a verdade importa, a ponto de afirmar que “nada importa mais que a verdade” e que “com relação a ela, todo o resto não tem senão um valor de segunda ordem”. Este é seu princípio, sua fé, sua convicção. – Mas essa vontade absoluta, o que vem a ser? (Nietzsche, 2012, p. 209).

É justamente essa vontade, que se exprime como uma vontade absoluta que Nietzsche chamará de vontade de verdade. Ela recaiu sobre o terreno da moral, que foi forjada por dois milênios no cristianismo *décadent*, segundo o qual Deus é a verdade e a verdade é divina. A consequência é que foi afirmado, justamente, o erro, a cegueira e a mentira. Na sequência do último aforismo citado, Nietzsche (2012) pergunta: Por que não queres enganar? se o engano, a aparência, a dissimulação, o deslumbramento, a cegueira é a tônica da vida. Por que, no fundo, a moral? se a vida, a natureza, a história são imorais. Portanto, para ele, essa vontade de verdade estaria escondendo uma vontade de morte ao também negar esse mundo, nosso mundo. Isto é, a fé na ciência se baseia numa crença ainda metafísica. Assim colocado, o problema da ciência para Nietzsche revela não só em que sentido ela é dominada pelos valores morais mas também em que sentido a vontade de verdade, como a vontade de moral,

185

está intrinsecamente vinculada à vontade de potência, mas de uma forma de vontade de potência, de um tipo específico que serve à conservação e não à expansão da vida. Nesse sentido, Roberto Machado conclui que:

Tanto quanto a moral cristã, a ciência é uma atividade niilista que possibilita a dominação da vida pelas forças reativas. O perigo representado pela vontade ilimitada de conhecimento faz Nietzsche aproximar vontade de verdade e vontade de morte, o que mostra como para ele a ciência é um sintoma de decadência (MACHADO, 1999, p.77).

Setas para a superação do Niilismo

Enfim, o perspectivismo nietzschiano tem como consequência que não existem fatos e sim interpretações, mas não significa que se deve contestar tudo sem novas evidências ou que qualquer ponto de vista pode ser verdadeiro. Mas que devemos estar prontos para refletir e discutir o que se toma como verdadeiro. Afinal de contas, como é impossível acessar o todo, a verdade absoluta é inalcançável. Tem-se, inevitavelmente, apenas uma compreensão parcial da realidade em virtude da limitação dos pontos de vista.

A ideia de Nietzsche não seria abandonar qualquer apelo à verdade ou à razão, mas mostrar as relações de poder que estão ligadas a certas verdades. Para ele, essa vontade de verdade, expressa como uma vontade de engano, configura uma tentativa de alinhar cada ação do mundo com bases em concepções que ainda não passaram pelo crivo da dúvida. Isto é, trata-se de pensar a vida a partir das concepções morais e dirigir-se a elas sem pensar em suas ações de fato, mas assegurando-se na fé. Por isso, o filósofo critica expressamente a busca do ideal de rebanho, que é a vontade de igualdade total entre todos os seres, uma vontade de corrigir e equalizar todas as diferenças, uma vontade do nada, uma vontade de corrigir este mundo, de não o aceitar. Um nada – *nihil* – do qual urgimos sair.

Filosoficamente, o termo niilismo recebe várias significações. Quanto ao niilismo nietzschiano, o filósofo o emprega como o desfecho da decadência europeia, bem como o desmoronamento e o acorde fatídico dos valores que petrificaram o Ocidente no século XIX, por um lado, e pela proclamação da morte de Deus por outro. Sendo que essa última é na verdade a total negação do absoluto enquanto sentido e base de qualquer dimensão ética, estética; enfim, o óbito de toda metafísica. Nietzsche traduz o niilismo como a sabedoria de “que o mundo que habitamos é imoral, inumano e ‘indivino’ – por muito tempo nós o

interpretamos falsa e mentirosamente, mas conforme o desejo de nossa veneração, isto é, conforme uma necessidade” (NIETZSCHE, 2012, p. 213).

Como seta para a superação do niilismo, Nietzsche presenteia a nossa espécie com o *Amor Fati* e com o *Übermensch*. Respectivamente, o amor ao destino, independentemente do que ele guarda para o indivíduo – uma aceitação integral de todos os males da vida, mesmo dos aspectos mais cruéis e dolorosos. E, o super-homem ou além-do-homem, que se trata do homem transvalorado, que já passou pela negação dos valores e está pronto para criar novos, para dirigir sua vida. Esses dois conceitos representam setas que apontam para o corpo, para a Terra. O desgosto pela vida nos impulsionou a venerar um mundo metafísico; faz-se necessário libertar a humanidade das amarras *décadents*; é preciso afirmar a vida, com seus sabores e dissabores, prazeres e sofrimentos – esta vida, não outra. Transvalorar, criar, afirmar a vontade de potência, tornar-se quem se é. Como indaga o autor do aforismo *O Homem Louco*: “Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele?” (NIETZSCHE, 2012, p. 138).

Acreditamos que o mito do Deus morto na cruz, o de Jesus Cristo, com suas transvalorações e paixões, pode ser considerado como um exemplo de *Übermensch* que viveu o *Amor Fati* – um Deus feito carne que viveu segundo valores para além daqueles vigentes em seu contexto local e temporal e que aceitou incontestavelmente as agruras que lhe foram impostas.

Embora Nietzsche conclua, em seu livro *O Anticristo*, que na verdade só houve um cristão e que este morreu na cruz, ele não exclui a possibilidade da retomada de um cristianismo autêntico, pautado de fato no modelo de Jesus Cristo. Ele inquiriu diretamente se este tipo seria novamente concebível e se poderia ser “transmitido” (NIETZSCHE, 2016, p. 35), ao passo que respondeu:

“É absurdamente falso ver numa ‘fé’, na crença na salvação através de Cristo, por exemplo, o distintivo do cristão: apenas a *prática* cristã, uma vida tal como a *viveu* aquele que morreu na cruz, é cristã... Ainda hoje uma vida *assim* é possível, para determinadas pessoas é até necessária: o cristianismo autêntico, original sempre será possível...” (NIETZSCHE, 2016, p. 44).

Para Nietzsche, Jesus, além de nobre, está entre aqueles a quem ele chama de *um tipo mais elevado*. O filósofo entende que, muito embora a humanidade não represente um desenvolvimento progressivo para algo melhor ou mais forte ou mais elevado, como acreditou a modernidade, existem repetidos casos isolados de manifestação de *um tipo mais elevado* nos

mais diversos lugares e culturas da Terra: “... algo que, em relação à humanidade como um todo, é uma espécie de super-homem.” (NIETZSCHE, 2016, p.11).

Quanto ao tema da verdade e como alcançá-la, poder-se-ia resumir um pensamento em Nietzsche (2018) da seguinte maneira: Eu tenho meu caminho, você tem o seu caminho, portanto, quanto ao caminho direito, o caminho correto, e o único caminho, isso não existe.

Referências bibliográficas

HEIDEGGER, M. A palavra de Nietzsche “Deus morreu”. In: *Caminhos de floresta*. Lisboa: Calouste, 2002.

MACHADO, R. *Nietzsche e a verdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

NIETZSCHE, F. W. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, F. W. *O Anticristo: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.